A INDÚSTRIA BRASILEIRA E O CONTEXTO ADVERSO À COMPETITIVIDADE

Os produtos brasileiros estão sendo substituídos por importados de forma permanente

Rogério César de Souza*

O DESEMPENHO recente da indústria brasileira não é nada favorável e levanta preocupações para o futuro. Se a produção física da indústria crescia 6,0% de forma vigorosa em 2007, em um movimento generalizado e capitaneado pelos setores produtores de bens de capital, a trajetória da indústria nacional mudou com o agravamento da crise internacional em setembro de 2008. De fato, no acumulado dos nove primeiros meses de 2008, a produção industrial apresentava crescimento de 6,4%, mas os três últimos meses acusaram fortemente os efeitos da crise, e o setor fechou 2008 com aumento de 3,1% da sua produção.

Os desdobramentos da crise se estenderam por todo o ano de 2009 e, nesse período, a produção industrial assinalou um dos piores resultados de sua história: queda de 7,4%. Em 2010, em razão das medidas de estímulo econômico do governo brasileiro, a produção da indústria se recuperou e cresceu 10,5%. No entanto, esse desempenho robusto ajudou a esconder um processo que já se manifestava mesmo antes de 2010 e que, em 2011, quando a produção industrial cresceu somente 0,3%, ficou mais evidente, a saber: a falta de competitividade da indústria nacional.

Essa falta de competitividade é manifesta na enxurrada de produtos importados típicos da indústria de transformação nos últimos anos. De acordo com dados do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), a balança comercial desses produtos passou de um saldo positivo de US$ 29,8 bilhões em 2006 para saldos negativos de US$ 7,1 bilhões em 2008 e de US$ 8,4 bilhões em 2009. Nos anos de 2010 e 2011, o déficit da balança comercial de produtos típicos da indústria de transformação deu um salto exponencial, atingindo US$ 34,8 bilhões e US$ 48,7 bilhões, respectivamente. Essas magnitudes nunca antes observadas puseram de lado o argumento de que o produto importado vinha para complementar a produção doméstica num período de crescimento da economia brasileira. O produto importado está, e faz algum tempo, tomando o lugar do produto nacional.

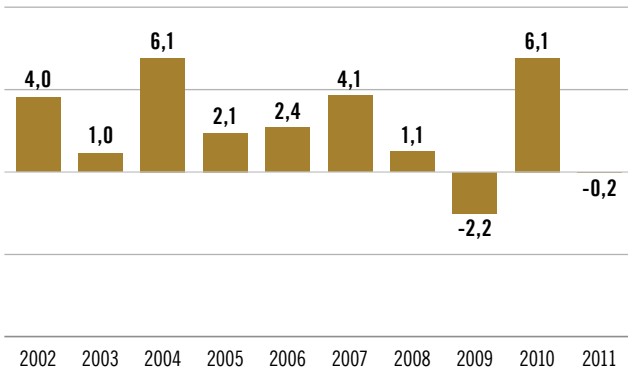
Esse déficit de comércio da indústria de transformação aparece em grande parte dos diferentes segmentos da indústria nacional, ou seja, é de caráter bastante generalizado, embora se concentre mais nos produtos de maior valor agregado. Mas, em 2010 e 2011, tal déficit já começou a aparecer, de modo inédito, em segmentos mais tradicionais da indústria brasileira, como o de têxteis, couro e calçados.

O que está por trás dessa perda de competitividade da indústria nacional? O câmbio é um fator importante para explicar essa falta de competitividade da indústria nacional e, portanto, a ele deve ser dada uma atenção especial. No entanto, o câmbio está explicitando outro fator mais relevante e estrutural: o alto custo de se produzir no Brasil, ou ainda, o assim chamado custo Brasil, caracterizado, sobretudo, pelas carências de infraestrutura, pela elevada carga tributária, pela escassez de fontes de financiamento de longo prazo, pelo alto custo da logística, do capital de giro e da energia.

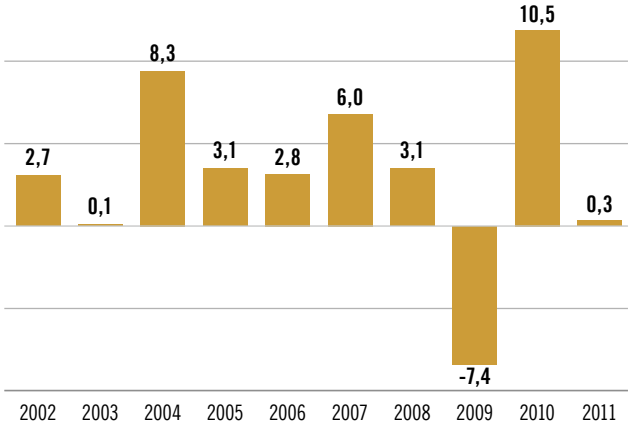
O contexto de crise internacional faz com que os países busquem compensar a fraqueza de suas economias pelo lado das exportações, ou ainda, diante de um mercado interno sem vigor, uma saída importante para esses países são os mercados externos, notadamente os países cujas economias estão relativamente melhor, como o Brasil. Com taxas de juros e custo do trabalho mais baixos (este último devido ao desemprego mais alto) e incentivos para a exportação, os bens produzidos no estrangeiro já chegam nas fronteiras do Brasil a preços bastante competitivos e encontram aí uma taxa de câmbio valorizada, a qual, por sua vez, aumenta ainda mais a capacidade de concorrer desses bens. A partir daí, já no mercado interno, os importados se defrontam com seus concorrentes domésticos, os produtos brasileiros, os quais carregam nos seus preços, como dito acima, o custo Brasil.

Essa questão do custo Brasil não é nova, mas talvez agora ela tenha de ser enfrentada de forma mais enérgica, pois, como tudo indica, ela está pesando muito no desempenho da indústria e certamente influenciará na configuração que a in-

Produtividade industrial
Taxa anual de variação - em porcentagem



Produção industrial
Taxa anual de variação - em porcentagem



Fonte: IBGE

dústria terá no futuro. Aliás, essa é uma questão importante que precisa ser feita: que indústria se quer para o Brasil? A indústria brasileira é hoje bastante diversificada e relativamente avançada, fruto de um grande esforço de industrialização realizado pelo país em cinco décadas até o início dos anos 1980. Ela desempenha papel importante na estrutura produtiva e de geração de empregos, mas está perdendo terreno neste bom momento pelo qual a economia brasileira passa.

O que pode compensar essa perda de competitividade são os ganhos de produtividade das empresas. Mas, nesse aspecto, os dados também não são favoráveis à indústria. Utilizando dados da PIM e da Pimes, do IBGE, mais precisamente as séries de produção industrial e de número de horas pagas na indústria, obtém-se, pela razão dessas duas variáveis, a evolução da produtividade do trabalho na indústria. Em 2007, a produtividade da indústria cresceu 4,1%, variação que também era projetada para 2008. A produtividade na indústria parecia alcançar um novo patamar, deslocando-se da média anterior, a qual girava em torno de 2,0% ao ano. Mas, com a crise, a produtividade fechou o ano de 2008 com expansão de somente 1,1% e, em 2009, o resultado foi de queda (–2,2%).

Em 2010, a produtividade cresceu 6,1%, um resultado forte que, evidentemente, deve ser relativizado, pois ocorreu após dois anos ruins. Pode-se observar que, desde 2004, com exceção de 2009, a produtividade vem aumentando de modo virtuoso, ou seja, tanto a produção como as horas trabalhadas se elevaram, com aquela crescendo mais do que esta. Em 2011, a produção aumentou 0,3% e as horas pagas também apresentaram uma tímida expansão, de 0,5%. A consequência disso é que a produtividade apresentou ligeira queda em 2011, de 0,2%. Assim, diante dessa perda de produtividade e da manutenção da expansão do emprego industrial em 2011 – o qual assinalou crescimento de 1,0% –, o custo médio com mão de obra subiu. Como indicam os dados do IBGE, a folha de pagamento médio real avançou 3,2% em 2011 e o custo do trabalho, 3,4% – veja-se também Carta IEDI, nº 509.

Portanto, com menor taxa de variação da produtividade e nível de emprego avançando, a indústria vive uma pressão de custos com mão de obra. Somando-se a isso a forte concorrência do produto importado no mercado interno, a possível consequência é que a indústria reduza sua margem de lucro, o que, por sua vez, pode comprometer os investimentos. Como os investimentos aumentam a produtividade e, por conseguinte, a competitividade das empresas, a falta deles pode levar a indústria nacional a um ciclo vicioso de encolhimento. Isso é o que muito provavelmente já está ocorrendo em muitos segmentos.

Isso não quer dizer que a indústria brasileira está fadada a uma acelerada perda de participação na economia brasileira. No passado, essa mesma indústria deu provas de que pode superar obstáculos. No entanto, para enfrentar esse novo cenário, a indústria precisa dar um salto de qualidade. Para tanto, à empresa brasileira, cabe perseguir os ganhos de produtividade. Ao governo, o câmbio merece alguma administração, a fim de evitar uma forte volatilidade que comprometa as projeções de mercado e, consequentemente, os investimentos. Os custos sistêmicos devem também ser enfrentados com mais energia. Mas, essencialmente, é a política industrial que ganha relevo para se pensar uma indústria nacional revigorada e competitiva. Uma política industrial que esteja amarrada a uma estratégia de desenvolvimento, que considere as vantagens competitivas existentes e que também aponte para novos nichos de mercado em que o Brasil possa se tornar competitivo. Uma política industrial, transparente, com metas a serem atingidas e com mecanismos de medição e acompanhamento do cumprimento dessas metas, que deixe claro quais são seus custos e benefícios sociais. Uma política industrial que possa dar sustentação às necessidade de crescimento futuro do Brasil.

Rogério César de Souza é professor da PUCSP e consultor do Iedi.